

Desabamento de loja mata três pessoas no centro

Obra não tinha engenheiro responsável e o escoramento do 2º andar era insuficiente

Andréia Curry e
Rita Tristão

Três pessoas morreram e quatro ficaram feridas ontem em decorrência do desabamento do segundo piso da loja Mic An Calçados, na rua Gonçalves Dias, quase esquina com a avenida Jerônimo Monteiro, centro da cidade. O desabamento, de acordo com a avaliação do Corpo de Bombeiros, ocorreu porque a laje e o suporte que a escorava não aguentaram o peso da construção que estava sendo feita sobre ela, vindo abaixo ontem, às 12h15m, após um estalo. O Corpo de Bombeiros chegou 10 minutos depois ao local, retirou feridos e vítimas de sob mais de 10 toneladas de escombros e interditou a área, após terminar as buscas.

Populares que presenciaram o desabamento relataram que ouviram um barulho estridente e logo após viram a loja transformar-se numa nuvem de poeira. Foram também populares que socorreram o primeiro ferido identificado, o vendedor Valtér Neto Milagre, de 38 anos, que sofreu ferimentos superficiais. Ele contou que a loja vinha sendo submetida a uma reforma para a construção de um segundo piso, há cerca de três semanas. Os dois pedreiros e os dois ajudantes nada sofreram.

Os três mortos — Margarida Medina Brumanara, Gustavo Brumanara e Arlindo Ramos — foram encontrados sob a laje após 2h15m de buscas dos bombeiros com equipamentos hidráulico e motosserras e foram necessários cerca de 30 minutos para retirá-los dos escombros. Antes disso, depois de quase duas horas de trabalho, foi retirado com vida o vendedor Luiz Antônio Boscálio Ramos, de 29 anos, que saiu de entre os escombros com a clavícula fraturada, segundo a avaliação do médico Cléber Martinelli, do Pronto Socorro São Lucas, que participava da equipe de socorro deslocada para o local.

A retirada de Luiz Antônio Ramos foi o episódio mais dramático de toda a operação de salvamento, levando as quase cinco mil pessoas

que se reuniram em torno do prédio a romperem o cordão de isolamento feito pelo Corpo de Bombeiros. Por quase duas horas 16 homens do Corpo de Bombeiros sustentaram a laje que imobilizava o corpo do vendedor do peito para baixo, enquanto um dos soldados da corporação se mantinha junto a Luiz Antônio Ramos para tranquilizá-lo.

com pás, picaretas, enxadas e as mãos, os bombeiros retiraram os tijolos, as estacas da construção, pedaços de vidro e móveis que se misturavam aos sacos de cimentos e às mercadorias da loja, enquanto quatro amigos do dono da Mic An Calçados ocupavam-se de retirar o que restou das mercadorias. Em torno da loja foi formado um monte de entulho de mais de um metro de altura no final da operação.

A notícia do acidente reuniu em torno da loja parentes e amigos dos proprietários e funcionários da Mic An que, desesperados, procuravam ajudar de alguma forma no salvamento. Constatando, o proprietário da loja, Moacyr Luiz de Souza Ramos, que não se encontrava no local na hora do acidente, garantiu, durante todo o tempo em que permaneceu nas imediações do desmoronamento, que havia muitas pessoas lá dentro, inclusive seu irmão, Arlindo de Souza Ramos, que era o gerente do estabelecimento e foi encontrado soterrado e já morto, às 15h20min.

Também irmãos do gerente e do dono da Mic An Calçados, Alcy de Souza Ramos e Amarildo Boscálio Ramos contaram que o vendedor resgatado dos escombros era primo deles e que o acidente representava uma verdadeira tragédia familiar. Eles se negaram a falar sobre as condições em que a obra estava sendo feita e sobre a ausência de um engenheiro responsável, enquanto eram amparados pelo proprietário da loja ao lado, o Caldo de Cana e Pastelaria Brandão.

Os mais de 40 homens da Polícia Militar e da Polícia Civil que tentavam desimpedir o local muitas vezes tiveram que ser enérgicos com os populares que se reuniram em torno do prédio que desabou. A operação também reuniu cerca de 45 policiais da Companhia de Trânsito, que, com motos cercando o local interditado tentavam garantir um mínimo fluxo na avenida Jerônimo Monteiro. A operação mobilizou também três ambulâncias do Hospital São Lucas e da Santa Casa de Misericórdia, juntamente com duas equipes médicas de socorro.

Salvamento durou cinco horas

O resgate dos três mortos e quatro feridos exigiu cinco horas de intensas buscas do Corpo de Bombeiros pelos cerca de 30 metros quadrados da Mic An Calçados. Duas horas foram gastas apenas no salvamento de Luiz Antônio Boscálio Ramos, vendedor que ficou impressionado entre o solo e a laje que caiu, que representou o momento mais dramático de todo o resgate.

Logo depois da retirada de Dulcineia Ramos e de Lourenço Molina, que estavam próximos à porta da sapataria, os bombeiros identificaram um outro sobrevivente entre os escombros. Segundo o capitão Elvino Rebouças, que estava coordenando a operação, imediatamente foram feitos os cálculos do espaço ocupado pelo corpo de Luiz Antônio Ramos, para que a escavação dos escombros não o atingisse. Os Bombeiros deslocaram também um homem da equipe de busca e salvamento para ficar próximo ao vendedor e manter com ele contato durante todo o resgate.

O salvamento do vendedor exigiu que a laje que o impunha fosse segura por cinco estacas de empurrar, enquanto o resto da equipe de Bombeiros escavava ao redor das pernas de Luiz Antônio Ramos. A laje foi derrubada a golpes de marreta e o vendedor, consciente e conversando com o policial e os médicos da equipe de socorro do Hospital São Lucas, revelou que a maior pressão que sentia era sobre o peito e não sobre as pernas, como os bombeiros imaginavam.

Sobrevivente sentiu 'terremoto'

"O que aconteceu foi como um terremoto. Mas eles só conseguiram me tirar. A minha mãe ainda ficou". Foi a expressão usada por Lourenço Molina Brumanara, cinco anos, um dos quatro feridos no desabamento da sapataria, ao dar entrada no hospital São José, onde se submeteu a uma cirurgia na cabeça.

Do acidente, Lourenço não se lembra de quase nada. Apenas que tinha entrado naquela loja para sua mãe comprar um par de sapatos e que depois iria a uma lanchonete comer uma coxinha de galinha com refrigerante, conforme relatou para os enfermeiros que cuidaram dele. No Hospital São José ele chegou sozinho, nos braços de um dos bombeiros. E foi o próprio Lourenço que forneceu os dados para confecção da sua ficha de internamento.

Enquanto Lourenço já estava sendo atendido no Hospital São José, o homem que o protegeu com o corpo, Luiz Antônio Boscálio Ramos, um dos vendedores da loja, ainda permanecia parcialmente soterrado. "Eu percebi um barulho estranho no segundo andar, caminhei até o meio da loja e voltei. Dai em diante não vi mais nada. Só vi tudo caindo e sem ter tempo de correr. Cai por cima do garoto — referindo-se a Lourenço — que estava na porta da loja comigo. Fui eu que o feri na cabeça. Meus dentes arrancaram um pedaço do seu couro cabeludo. Ele saiu e eu ainda fiquei preso", comentou Luiz Antônio, que quebrou a clavícula mas está passando bem de saúde em casa.

Luiz Antônio Boscálio Ramos, 29 anos, trabalha há seis anos na Mic An e conta que no momento do acidente só se encontravam na loja ele, a funcionária responsável pelo caixa, Dulcineia Ramos, e Arlindo Ramos — os dois últimos irmãos do proprietário do estabelecimento — além da cliente e seus dois filhos. "Não tinha mais ninguém. Foi a nossa sorte. Era um horá-

rio de pouco movimento", observou o vendedor.

O pessoal que estava bem no interior da loja é que foi mais prejudicado, explicou Luiz Antônio. Margarida Maria Molino e seu filho Gustavo morreram no local, no momento em que efetuavam as compras. Dulcineia Souza Ramos sofreu fratura pélvica e está passando bem na Santa Casa de Misericórdia. Tereza Tranchioli Vasconcelos, que passava na calçada, levou uma pancada na cabeça e está em observação na Santa Casa.

Os três mortos foram encaminhados para o hospital de urgência Samu, na avenida Beira-Mar. Os plantonistas do hospital se encarregaram de informar ao pai de Gustavo e Lourenço sobre o acidente e a morte da sua mulher e filho. Ele, desconsoado, não quis falar com os jornalistas, porém esteve todo o tempo assessorado por uma assistente social da CST, firma onde trabalha.

Do Samu, os corpos seguiram para o Instituto Médico Legal e de lá foram encaminhados para os locais de velório. Do lado de fora do IML os irmãos e parentes mais chegados do proprietário da loja também estavam desconsoados. O clima era de muita tristeza e desespero. Na casa de Luiz Antônio, a situação era diferente. "Eu sobrevivi. Ou melhor, nasci de novo", dizia o vendedor da loja, enquanto assistia através da televisão o noticiário sobre o acidente e as imagens de resgate.

"Enquanto estive preso por um momento pensei que ia morrer. Mas quanto os bombeiros chegaram senti que não ia morrer mais. O pessoal até achou que eu estava com paciência. Mas não tinha outro jeito. Eu queria mesmo era sair de lá. A sensação é horrível. Não quero ter de passar por outra dessa", desabafou Luiz Antônio.

Resgate interrompe o trânsito

O desabamento da loja Mic An Calçados provocou uma aglomeração de mais de cinco mil pessoas nas avenidas Jerônimo Monteiro e na rua Gonçalves Dias e paralisou o trânsito no centro da cidade por toda a tarde. Mais de 50 policiais militares foram deslocados para garantir a segurança da operação de resgate do Corpo de Bombeiros e, apesar de seus esforços, os populares chegaram a provocar tumulto em vários momentos, invadindo a área de aproximadamente 200 metros, interditada junto ao prédio.

O maior problema durante o resgate dos mortos e feridos foi a intervenção de curiosos que queriam acompanhar os trabalhos em todos os detalhes. Teve mesmo quem durante a opera-

ção, iniciasse discursos falando do "mundo divino". Alguns candidatos a vereador também quiseram aproveitar para marcar presença junto à população.

O trabalho dos 45 homens que tentavam fazer fluir o tráfego no centro da cidade, 15 deles de motocicletas, não adiantou muito. Um engarrafamento afetou as principais vias da cidade, repercutindo até mesmo na região do Aeroporto e da Segunda Ponte. Os motoristas que passavam pela Jerônimo Monteiro afirmavam que a velocidade média que conseguiram desenvolver era de cinco quilômetros por hora para se ir de Jucutuquara até o centro, gastou-se, em média uma hora.



Os bombeiros precisaram sustentar uma laje para a retirada de um soterrado



Uma multidão parou no local do acidente e chegou a provocar tumulto na avenida



A Companhia de Trânsito deslocou homens para ajudar a circulação de veículos

Bombeiros vêem irresponsabilidade

A "total irresponsabilidade na construção" do segundo piso da loja Mic-An Calçados foi apontada pelo capitão Elvino Rebouças, coordenador da ação do Corpo de Bombeiros do resgate dos feridos e das vítimas dos escombros, como a principal causa do desabamento. O capitão afirmou que vai solicitar a abertura de um inquérito para apurar a responsabilidade pelo acidente, que considerou "criminoso".

O pedreiro Sebastião Pereira, 34 anos, que há três semanas trabalhava na obra, não conseguiu definir com precisão as causas do ocorrido. Em estado de choque, ele disse apenas que a obra não possuía engenheiro responsável e que tinha desabado devido a um "escoramento insuficiente". "Eram apenas duas vigas e não deu para aguentar o peso", afirmou.

Na avaliação do Corpo de Bombeiros, a construção de um segundo andar sobre paredes de 15 centímetros, sem estrutura de amarração, foi uma decisão de "extrema irresponsabilidade", que mais cedo ou mais tarde poria em risco a vida das pessoas que trabalhavam ou que entravam no prédio. Ele afirmou também que, ao contrário do que determina a legislação, os Bombeiros não foram chamados para aprovar o projeto da obra, não podendo ser responsáveis pelo acidente.

A opinião do capitão Rebouças coincidia com a avaliação preliminar de Luiz de Oliveira, da Polícia Técnica, que aguardava a fim dos trabalhos dos Bombeiros para iniciar uma perícia no local: "Qualquer um percebe que a estrutura do prédio era muito fraca, feita com pouco cimento, o que não fornecia qualquer segurança para a construção de um segundo piso", disse ele.

Depois de ter removido mais de 10 toneladas de escombros do interior da sapataria, o sargento Tabachi, também do Corpo de Bombeiros, afirmou que o local não oferecia a menor segurança e teria de ser interditado. Ele disse que a marquise, assim como as quatro paredes de cerca de 12 metros de altura poderiam desabar a qualquer momento e que toda aquela região se constituía numa verdadeira "armadilha", podendo provocar novos acidentes. "Vou alertar a Prefeitura e ao dono da loja para que o estabelecimento seja totalmente derubado, disse ele, afirmando que estas não eram atribuições do Corpo de Bombeiros.



Bombeiros retiram o corpo de Margarida



O gerente Ramos foi o último encontrado



Parentes dos mortos estavam desesperados

Crea notificou o proprietário

O Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (Crea-ES), poderá acionar na Justiça, por exercício ilegal da profissão, o proprietário do prédio onde funcionava a Mic An Calçados, Moacyr Souza Ramos, construído sem licença e responsável técnico, e que desabou ontem ferindo quatro pessoas e matando três. Segundo o presidente do conselho, Jolindo Martins Filho, no dia 24 de agosto último a fiscalização do órgão esteve no local constatando as irregularidades, ocasião em que Ramos foi notificado para, em dez dias, corrigir a situação.

A correção viria com a obtenção da licença concedida pela Prefeitura de Vitória que, por sua vez, para liberar o documento exige que a obra tenha responsável técnico e projetos devidamente elaborados. No caso da ampliação da Mic An, segundo Jolindo Martins, não havia necessidade apenas do projeto estrutural, porque a obra dispunha somente de dois pavimentos.

Sindicância

O presidente do conselho explicou que será feita uma sindicância para apurar as causas do desabamento, não querendo antecipar uma avaliação do fato antes desta sindicância. Mas Martins não negou que a falta ou insuficiência de escoramento na época correta pode ser uma causa, conforme alegou o pedreiro Sebastião Pereira.

O exercício ilegal da profissão, previsto do artigo 6º, em sua alínea A, da lei 5.194/66, em caso de pessoa primária, pode gerar uma multa, aplicada pelo Crea, de apenas 0,75 MVR (Maior Valor de Referência), fixado atualmente em R\$ 5.084,80. O valor máximo da multa, na reincidência, é também pequeno: 2 MVR. Jolindo Martins Filho admite que o baixo valor contribui para que a prática da irregularidade não seja coibida.

Ele admitiu também que há uma grande quantidade de obras edificadas sem a devida assistência profissional de engenheiros e arquitetos, incluindo a falta de projetos arquitetônicos, hidrossanitários e estruturais. "Costuma-se dizer que essas obras são protegidas por 'São Concreto', o que não funcionou no caso do prédio da loja Mic An", disse ele.

Agilidade

O Crea, segundo ele, pode tentar obter embargos de obras irregulares através da Justiça, mas Martins lembrou que as prefeituras têm condições de agir com mais agilidade neste sentido. Junto à PMV, o conselho tenta firmar um convênio de colaboração para que obras clandestinas sejam identificadas mais facilmente.

PMV já havia embargado a obra

As obras da Loja Mic-An foram embargadas e seu responsável autuado na semana passada pela fiscalização da Prefeitura de Vitória por falta de licença e um técnico para execução dos serviços. O secretário de Obras, Ademair Barnabé, disse que a Prefeitura não tem poder de polícia para impedir a realização de trabalhos desta natureza além de descartar que existam outras construções no centro de Vitória que ofereçam risco de desabamento.

A causa provável do acidente foi a sobrecarga de peso na laje, segundo o coordenador regional da cidade, engenheiro Fernando Indusi, que passou no final da tarde no local do acidente. O restante da construção do segundo pavimento terá que ser totalmente demolido rapidamente para que as lojas vizinhas à Mic-An não sejam prejudicadas, uma vez que as paredes podem ceder a qualquer momento, advertiu o engenheiro.

Licença

Até mesmo para fazer a pintura de um prédio, na cidade outros prédios em condições precárias e com risco de desabarem. "No momento desconheço algum prédio nestas condições. E também não sabemos de nenhuma obra clandestina no centro da cidade", informou Barnabé assegurando que a fiscalização da sua secretaria faz um trabalho periódico de visita às lojas no centro de Vitória.

Prejuízo

"Estou arrasado". Com estas palavras o proprietário da loja Mic-An, Moacyr Ramos, definiu o estado emocional que se encontrava após o acidente. Ele não quis falar sobre o assunto dizendo que mais tarde falaria sobre o ocorrido. "No momento estou profundamente abatido. Não esperava que isto fosse acontecer logo comigo", lamentou Moacyr que no acidente perdeu um irmão, Arlindo Ramos, que era o gerente da loja. O primeiro a falecer de uma família de 16 irmãos.

Os prejuízos maiores, segundo Moacyr Ramos, são as vidas que se perderam. Quanto aos bens materiais, ele disse que devem estar avaliados em mais de R\$ 20 milhões, isto sem computar o que havia de estoque de calçados na loja.